

# ***A Ressurreição de Vitorino Carneiro da Cunha: humor e ironia na obra de José Lins do Rego***

***The Resurrection of Vitorino Carneiro da Cunha: humor and irony in the work of José Lins do Rego***



NASCIMENTO, Luís Felipe Gonçalves do \*

 <https://orcid.org/0000-0002-8458-3228>

**RESUMO:** Este artigo foi escrito na perspectiva historiográfica que entende o humor, em uma de suas possibilidades de manifestação, como reação à estrutura social. Buscou-se representar a criação de Vitorino Carneiro da Cunha, personagem de José Lins do Rego, como uma provocação irônica a enquadramentos generalizantes, identificados na crítica literária acerca de seu romance. A tradição oligárquica foi vivida, representada e ironizada por José Lins do Rego e ainda assim não o limitou a falar, em sua carreira de romancista, apenas dela. No intuito de situar o lugar de fala de José Lins do Rego, apresentou-se o projeto do regionalismo nordestino como uma manifestação do modernismo emancipada daquela iniciada em São Paulo, com a Semana de Arte Moderna.

**PALAVRAS-CHAVE:** José Lins do Rego; Vitorino Carneiro da Cunha; tradição.

**ABSTRACT:** This article was written in the historiographical perspective that understands humor, in one of its possible manifestations, as a reaction to social structure. We sought to represent the creation of Vitorino Carneiro da Cunha, a character of José Lins do Rego, as an ironic provocation to general frameworks identified in literary criticism of his novel. The oligarchic tradition was lived, represented and mocked by José Lins do Rego and it still did not limit him in speaking, in his career as a novelist, only about that. In order to situate the place of speech of José Lins do Rego, the project of northeastern regionalism was presented as a manifestation of modernism emancipated from the one that started in São Paulo, with the Week of Modern Art.

**KEYWORDS:** José Lins do Rego; Vitorino Carneiro da Cunha; tradition.

*Recebido em: 20/08/2020*

*Aprovado em: 01/12/2020*

---

\* Graduado e mestre em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa-PB. Professor da rede privada do município de João Pessoa. E-mail: felipe.gcn@hotmail.com.



## Introdução

A história do humor ganhou espaço no debate historiográfico durante a década de 1970. Com as releituras francesas e a incorporação dos novos temas reivindicados pela História Cultural, o riso passou a ser encarado como uma manifestação importante e complexa de representação do ser e estar do homem no mundo. “O humor, ainda que assuma muitas formas diferentes, não pode ser reduzido a uma única regra ou fórmula. Em vez disso, devemos vê-lo como um processo de resolução de conflitos” (SALIBA, 2017, p. 09). Acrescenta-se a isso, por outra via, as contribuições que a virada linguística trouxe para os debates daquele período, uma vez que mesmo sendo heterogênea em suas abordagens, tem como marca a inserção da linguagem não como acessório da humanidade, mas como instrumento fundamental.

Enquanto categoria de análise filosófica, o tema humor não é recente. Possui suas raízes, pelo menos dentro da nossa tradição ocidental, na Grécia. Os esforços de Aristóteles em conceituar o riso chegaram à conclusão de que se trata de uma experiência característica do ser humano, contraponto com o medievo, período em que se chegou a relacionar a manifestação do riso à possessão diabólica. E esse riso, presente nos festejos populares, representa um sistema cultural forjado pela tradição popular. Mikhail Bakhtin, ao se referir ao modo carnavalesco de perceber o mundo sem as hierarquias sociais, adverte que nessa percepção “Elaboravam-se formas especiais do vocabulário e do gesto da praça pública, francas e sem restrições, que aboliam toda a distância entre os indivíduos em comunicação [...]” (BAKHTIN, 1987, p. 9).

No estudo aqui apresentado, busco o aspecto da ironia como uma manifestação latente do humor. Rir da tradição foi o sentido pelo qual inseri José Lins como um literato marcado, em toda a sua trajetória intelectual, pela presença da ironia. Escolher essa marca, digo escolher porque defendo que foi manifestação voluntária do autor, foi também uma forma de reagir aos enquadramentos generalizantes produzidos durante a década de 1930 sobre José Lins e também sobre os que com ele elaboraram uma literatura preocupada em falar da região, como Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. Analisei, como aspecto pungente da escrita irônica do autor, o seu personagem Vitorino Carneiro da Cunha, um dos três protagonistas de *Fogo Morto* (1943). Ele, que foi burlesco por negar a estrutura do espaço rural em que viveu, acabou por sintetizar uma etapa da vida de romancista do seu autor; fechou um ciclo, como preferiu a crítica literária da época, mas também escancarou um sorriso irônico do seu criador sobre a tradição oligárquica brasileira, lugar de nascimento, inclusive, de José Lins do Rego.

### **José Lins do Rego dialogando com a tradição**

Convém situar, inicialmente, o que se entende neste estudo por tradição. Fala-se, portanto, da organização social, em especial da área que, pela década de 1920, começou a ser entendida por Nordeste, e que continuou com o modelo estrutural oligárquico ao longo da Primeira República brasileira.

[...] as peculiaridades da estrutura agrária do país contribuíram para a manutenção da prática coronelista. A gama de pessoas no campo dava lugar de destaque ao coronel, pois era em torno dele que se agrupava uma série de trabalhadores rurais desamparados. (SILVA, 2010, p. 26).

Sendo donos de grandes lotes de terras, o poder dessas figuras acumulou-se com a montagem do governo de D. Pedro II, com a criação da Guarda Nacional; era dada a esses donos a patente, um poder passado aos descendentes.

Nesse sentido, é possível destacar o mandonismo do coronel e a subserviência dos que moram na sua terra como dois mecanismos de força correlacionados. O coronel aumentava seu prestígio a partir da entrega de votos de seus moradores aos governistas nas eleições estaduais e federais. Foi nessa estrutura de poder que José Lins nasceu e foi nela também que escolheu situar o enredo de *Fogo Morto*. É nessa tensão que se investiga, no presente texto, o diálogo de José Lins com a tradição oligárquica brasileira.

Ser conhecido como autor da cana, falar da cana e sua estrutura em representação ficcional e criar, como desfecho de uma parte da sua trajetória, um personagem cuja marca é a tensão entre continuar e romper com a tradição. De maneira sintética, essa é uma demarcação possível, para fins didáticos e não de enquadramento, da trajetória intelectual de José Lins do Rego. O menino de engenho, como normalmente foi estereotipado, acenou ironicamente para a crítica a ele contemporânea quando publicou, em 1943, *Fogo Morto*.

Concluiu *Usina* em 1936, livro que teria fechado a trajetória iniciada com *Menino de Engenho* (1932). Esses foram selados por boa parte da crítica como livros de memória de vida. Fato que parcialmente se comprova. É inegável a presença de lembranças da infância, do mundo canavieiro em que o autor paraibano viveu até se encaminhar para a capital da Paraíba e depois para a faculdade de Direito de Recife. Mas a querela inicia com esse traço do intelectual. Parte da crítica da década de 1930 impregnou nesse aspecto memorialístico a marca de autor da cana, o “motor que só funciona bem queimando bagaço de cana” (REGO, 1981, p. 76), frase de Manuel Bandeira, dita às gargalhadas ao próprio Zé Lins. Embora tenha vindo de um amigo, o sentido denuncia uma leitura existente sobre o paraibano.

A marca de memorialista ressoou na crítica e é possível observá-la no *Nordeste e Modernismo*, de José Aderaldo Castello, no qual se afirma:

O memorialismo condicionado pela experiência regional alimentou as características autobiográficas da obra de José Lins do Rego. Nos limites dessa inspiração, voluntária ou impulsivamente, o memorialista prevaleceu sobre o ficcionista. Mais uma vez voltamos à confissão de que Menino de Engenho teria substituído o projeto de escrever a biografia do avô, protótipo do senhor-de-engenho falecido às vésperas da derrocada do engenho tradicional, então acelerada pelo advento e pelas conquistas da usina. Mas a carga emocional teria desviado o objetivo biográfico. Dominado pela evocação da infância, José Lins do Rego o converteu em criação ficcional. (CASTELLO apud REGO<sup>1</sup>, 2016, p. 13).

É possível perceber um sinal de fuga do autor do “ciclo” quando, a partir de 1937, inicia uma série de livros que vão saindo do mundo canavieiro. A começar de *Pureza*, desse mesmo ano, o livro é dedicado a Manuel Bandeira, o Manuel, amigo de José Lins, que lhe dizia ser um motor que funcionava queimando bagaço de cana. Foi o livro que, segundo o próprio José Aderaldo Castello, representou a série de romances independentes de José Lins trazendo à tona e aprofundando temáticas cada vez mais distantes do que se chamou de modernismo tradicionalista. (BRAGA-PINTO, 2018).<sup>2</sup>

A sexualidade é um ponto marcante em *Pureza*, pois foge do respeito à ordem dos estereótipos. Duas personagens nucleares, Margarida e Maria Paula, irmãs, poderiam ser entendidas apenas como personagens libidinosas, entregues aos desejos, entretanto, desempenham uma maneira de falar da feminilidade distanciada do padrão cultural oligárquico. Especialmente Margarida ganha uma autonomia interessante na obra, a ponto de fugir sem deixar vestígios aos pais e a seu amante Lourenço. A vida das duas transpira liberdade e denuncia uma representação centralizada na vida e nos desejos de mulheres apartadas das interdições sociais.

José Lins do Rego publicou *Pureza* em 1937. Inseriu a escravidão na obra como um dos elementos representativos da cultura oligárquica. Falando sobre Felismina, escrava que ganhava relativa autonomia no comando da fazenda de seu Lourenço, diz que esta personagem pensou sobre seu lugar de destaque na fazenda: “no princípio ela reclamara, reclamar não seria bem o termo, estranhava o esquisito”. (REGO, 1980, p. 22). Defendo que esse mundo sempre esteve presente na biografia e nas obras do autor paraibano. Busco, apenas, argumentar que essa característica não limitou sua criatividade; por isso,

---

<sup>1</sup> Trata-se de Pedro Gabriel Vanderlei Heráclio do Rego.

<sup>2</sup> O romance *Pureza* foi percebido, ainda na década de 1930, como um livro de saída dos temas já abordados no universo ficcional zeliniano. O diálogo da obra com o argumento levantado neste texto, a partir da reportagem do jornal “A união”, se dá na medida em que ambos foram artifícios do escritor paraibano para sair do enquadramento de autor da cana.

é possível demonstrar que enquadramentos existiram e como o autor foi ciente da crítica a ele endereçada e a colocou em xeque tratando-a com um humor irônico.

Essa tentativa de fuga da marca de autor do ciclo, que atravessou a vida de José Lins, aparece criticada no ensaio de Afonso Arinos, *O Espelho das Águas*, no qual o crítico chega a dizer:

[...] além disto a monotonia de *Pureza* e a falsidade gritante da primeira parte de *Riacho Doce* (imaginem um pouco Zé Lins na Suécia!) são razões sobejas para que os livros tenham aquele ar de falta de acabamento, aquele jeitão de quem atirou no que viu mas não matou o que não viu, que os distinguem no resto da obra. São dois romances, a meu ver, no máximo, mediocres. (FRANCO *apud* COUTINHO, 1991, p. 130).

A fala de Afonso Arinos, contraposta com os destaques feitos sobre aspectos de fuga em *Pureza*, criam mais um ponto de tensão, que se manifesta na produção dos romances de José Lins do Rego. As escolhas de perfis psicológicos que enfatizam a liberdade, a sexualidade, em um livro imediatamente após o fim de *Usina* (1936), denunciam uma mensagem já iniciada durante a década de 1930. Tal mensagem fora percebida por outra parte da crítica, a exemplo, Antônio Candido, que em 1945 publicou *Brigada Ligeira*, reunindo uma série de artigos que buscavam um mapeamento da literatura brasileira até aquele momento. No livro, o crítico literário argumenta que na criação zeliniana “os seus heróis são da decadência e de transição, tipos desorganizados pelo choque entre um passado e um presente divorciado do futuro” (CANDIDO, 1992, p. 61).

E onde está, então, a graça nessa querela? A graça reside na criação de Vitorino Carneiro da Cunha, um dos três personagens centrais de *Fogo Morto* e que, assumidamente, o levou a uma resposta aos enquadramentos. Diz o criador de Vitorino:

Imagino que tenha me redimido de todas as minhas crueldades com o relevo que o grande Vitorino assumiu no meu romance. Penso que é ele hoje o homem capaz de me sustentar de uma crítica rigorosa aos meus romances. (REGO, 1981, p. 76).

O relevo de Vitorino foi percebido pela proposital ironia do seu criador em desarticular a crítica com um personagem que é burlesco, que resiste a toda estrutura oligárquica mesmo estando preso a ela, e que questionou, até onde pôde, o mundo de força em que se sustentou a tradição latifundiária brasileira. Vitorino foi a maneira requintada de resposta aos críticos de arte no Brasil, mas que ao mesmo tempo não fugiu do aspecto do mandonismo. O autor usou essa estratégia até o limite para sustentar seu intento: ironizar a tradição.

Rir da estrutura do lugar social em que nasceu foi um artifício do literato paraibano. Ainda que profundamente marcado pelos medos e traumas da infância, o medo da morte, por exemplo, constituiu uma parte de sua literatura, e que transbordou em sua vida com um modo provocativo e irônico de escrever. Tal aspecto é perceptível na notável reportagem que se transcreve a seguir. Nessa reportagem, autor e personagem dialogam em uma proposital reação à homenagem do povo do Pilar a um dos personagens ligados a toda estrutura latifundiária da região. A tensão, do discurso de José Lins, parece ser semelhante àquela que enfrentou seu personagem Vitorino: falava contra a tradição estando nela e com ela. Nesse sentido, criador e criatura compartilhavam um traço em comum, nas falas de Vitorino, transcritas e analisadas na parte final deste artigo. Meu objetivo é trazer à tona esse aspecto representado no universo ficcional de *Fogo Morto*.

### As homenagens da Paraíba a José Lins do Rego<sup>3</sup>

Um evento notório do artifício da ironia em José Lins do Rego aconteceu em 1952, na cidade de Pilar. No ocorrido, em meio às autoridades locais, o autor ressuscitou Vitorino Carneiro da Cunha e com ele conversou, como nos mostra a reportagem a seguir:

Meus amigos:

Se por aqui, por este velho e amado Pilar aparecesse o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, o intrépido e valoroso Papa Rabo, e visse este povo, com o governador à frente, em torno de um pedaço de bronze, perguntaria na certa, com a desenvoltura que Deus lhe deu à sua língua que era de lâmina de navalha:

-Mas que povo todo é este? E o que faz esta gente?

Então Ernesto, capitão outro, haveria de lhe informar:

- Capitão, tenha calma. Está aí o governador, e aquele pedaço de bronze é um busto do neto do coronel José Paulino, rapaz que fez livros com a vida de todos nós. E para o Pilar trouxeram e no Pilar estão fazendo festa.

- Que festa coisa nenhuma! Este povo não tem o que fazer. Este tal de neto do primo José Paulino não passa de um contador de lorotas. Livros de bobagens. Este governador não tem o que fazer?

E dito isto o velho e indomável personagem sairia da rua do Silva afora, absolutamente seguro de que a homenagem da praça pública não passava de uma conversa fiada de amigos que deram ao neto do velho José Paulino o que ele merecia.

- Capitão Vitorino, é o neto em pessoa, que vendo a tua fúria e ouvindo tuas verdades te chamaria para o canto e te diria de coração aberto: tudo é bondade dos amigos, contei histórias que os outros gostaram, e da obra pequena aumentaram as qualidades, mas quem pode resistir a amigos tão generosos, Capitão Vitorino? E' dizer-lhes muito obrigado é receber as festas e sentir-se grande com as grandezas que lhe deram de mão beijada. E aqui, neste Pilar, onde sempre estiveste, capitão de alma de anjo e de mãos de bravo, lembra-se dos que foram os homens da terra, do velho coronel José Luiz Cavalcanti de Albuquerque, do coronel Anísio do Recreio, do grande do Império que foi o visconde e Cavalcanti, de todos que deram a esta vila o que esta vila tem de dignidade antiga e de pobreza limpa e altiva, dos homens que são lembrança de

---

<sup>3</sup> Título da reportagem do Jornal *A União*, transcrita acima.

todos nós: do velho comendador Napoleão, Pio Napoleão, que mandou construir arcos nas entradas das ruas, e quis ser um urbanista à moda do conde de Boa Vista. Do velho dr. José Maria. Honradês e consciencia política de conservador sem vacilações, e do filho José João, o major João José, que foi tudo nesta terra, prefeito, comerciante, e pai dos pobres, dando remédios de graças e receitando com remédio de verdade. Este é que devia ter os seu busto, capitão. Mas já que me trouxeram para esta praça, para ficar junto às aves do Bosque e a Casa da Câmara, aonde o imperador deu beija-mão, eu te pediria, primo Vitorino Carneiro da Cunha, mais tolerância no teu áspero julgamento, não só para mim que nada fiz, como para os amigos que quiseram fazer de mim o que não sou, mas o que eles desejam que eu fosse. Capitão, com a bondade dos amigos não há quem possa. (*A União*. 19 fev. 1952).<sup>4</sup>

Transcrevi a reportagem completa por entender que só a leitura integral denuncia o sorriso irônico que José Lins traz à tona. Trata-se, de antemão, de uma conversa de um autor com seu personagem, um e outro falando em dimensões opostas. Zé Lins, sendo homenageado por ser neto do Coronel da terra, resgata, inclusive, nomes de outros tantos coronéis. Por outro lado, seu interlocutor é Vitorino, o personagem que busca a todo momento fugir da estrutura oligárquica. Uma estratégia interessante. O homenageado oferece ponto e contraponto de uma prática comum à tradição latifundiária: a subserviência dos mais pobres com a elite local.

O primeiro questionamento sobre como o personagem reagiria a tal homenagem já denuncia o teor irônico do diálogo. José Lins trouxe à tona o elemento da discordância, em sua postulação, como uma forma de se precaver de uma homenagem que não pudesse, ou que suspeitassem que não merecesse. Foi uma ação deliberada que trouxe, de antemão, o argumento de defesa do escritor sobre possíveis críticas a ele dirigidas.

No diálogo, outro coronel faz o papel de apaziguador, quando pediu calma a Vitorino no diálogo imagético. É um coronel que faz esse papel, não um morador que assistia à homenagem. Suspeito que a estratégia de José Lins tenha sido trazer as opiniões sobre tal fato comum da subserviência tradicional latifundiária brasileira. São os homens “importantes” que falam no discurso, a população celebra a homenagem.

Na resposta de Vitorino aparece seu ataque a todos que pudessem representar uma estrutura de poder, forma comum e conhecida daqueles que já tiveram contato com suas ideias. Ataca o povo, que prestigia; ataca o homenageado, o próprio Zé Lins que seria um “contador de lorotas”, e ataca, por fim, o poder do governador. Em seu discurso, o criador de Vitorino trouxe o elemento típico do perfil psicológico do seu personagem: questionar qualquer estrutura social que privilegiasse o poder; entretanto, em nenhum momento, como será trabalhado a seguir, Vitorino chega a questionar o

---

<sup>4</sup> Transcrição nossa. A imagem da reportagem completa consta nos apêndices, no final do artigo. Cedida pelo *Arquivo Histórico Waldemar Bispo Duarte*, em 2019, localizado na *Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego*, em João Pessoa, quando realizei a pesquisa de mestrado.

quanto é vinculado a essa estrutura. Esse elemento permite-nos defini-lo como quixotesco.

Com o desfecho de sua estratégia oratória, o autor paraibano resgata a história do Pilar como fruto da ação dos grandes da terra. Trata do processo de modernização da região como dependente da ação de grandes latifundiários, vinculando o processo de instauração do elemento modernizador à bondade da elite agrária. É essa tensão que faz de José Lins do Rego um escritor intrigante, no aspecto de falar ou não falar do mundo em que viveu, de representá-lo, ou, de maneira intencional, desmontá-lo com ironia.

Nessa tensão, a história da intelectualidade brasileira ganha um grande desafio, pois se torna uma rede de argumentos e contra-argumentos, às vezes, como exposta na reportagem, presente em um mesmo autor. O emaranhado de possibilidades e representações simbólicas torna-se extremamente complexo. A opinião de José Lins do Rego sobre o poder de redenção oferecido por seu personagem, combinado com a escolha do mesmo para dialogar consigo quando ocorre a inauguração do busto, aponta a uma busca para fugir do selo de memorialista oferecido pela crítica. Mais adiante, Vitorino falará por si só, no intuito de tornar mais evidente a proposta de sua criação enquanto personagem de ficção, mas também extremamente ligado à vida de seu criador.

### **Os regionalistas e a tradição**

A geração de escritores brasileiros, que foram conceituados como regionalistas, estabeleceu vínculo direto com um projeto sociológico engendrado na década de 1920, no Recife. Em 1924, no Bairro da Boa Vista, foi fundado o Centro Regionalista, que segundo Fernando de Mello Freyre,<sup>5</sup> possuía o “intuito de defender as tradições e promover os interesses do Nordeste” (FREYRE, 1977, p. 175). Esse mesmo centro de pesquisas, que agregava na sua fundação nomes como os de Moraes Coutinho, Alfredo Freyre, Amaury de Medeiros, Gilberto Freyre e Antônio Inácio (FREYRE, 1977) realizou, entre sete e onze de fevereiro de 1926, o 1º Congresso Regionalista, marco utilizado para situar e fundar a escola de pensamento regional do Nordeste que buscou fazer frente aos modernistas de São Paulo.

Sobre este aspecto de diferenciação do Modernismo Paulista faz-se necessário considerar o embate entre criar e copiar como uma marca que atravessou, e talvez ainda nos perturbe, a história da intelectualidade no Brasil, assim como fala Robson dos Santos no artigo *Cultura e tradição em Gilberto Freyre*:

---

<sup>5</sup> Em 1977 Fernando de Mello Freyre era diretor do *Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*.

A história intelectual brasileira é profundamente marcada pelo debate cultural e político em torno das noções de “autenticidade” ou “imitação”, criação original ou cópia, importado ou nativo, enfim, polos intelectuais que cristalizam visões de mundo e posições estéticas antagônicas. (SANTOS, 2011, p. 399).

Vi mais longe por estar nos ombros de gigantes, disse Isaac Newton, fórmula típica do desenvolvimento da ciência moderna. Assumir essa posição nos leva ao ambiente de circulação e recepção das obras, em outras palavras, nos leva à investigação sobre como as ideias transitam e por quem são digeridas, fazendo assim um novo caminho para decifrar o projeto do autor. “No interior dos territórios assim propostos a seus percursos, os leitores se apoderam dos livros (ou dos outros objetos impressos), dão-lhes um sentido, envolvem-nos com suas expectativas”. (CHARTIER; CAVALLO, 1998, p. 38). Quem escreve não está só quando a obra passa a circular; ele e seu círculo, e outros tantos círculos dão significado(s) ao produzido. Assim foi com o projeto de literatura regionalista brasileira, ligados a Freyre, por vezes distantes de Freyre, por outras tantas vezes reduzidos aos projetos de Freyre, que em si, já foi bastante complexo.

O nome *Gilberto Freyre* estampou o Congresso e promoveu uma espécie de direcionamento, por muitas vezes, com ação voluntária do Próprio Gilberto. Tal como fora feito com José Lins do Rego, diz Freyre em seu Manifesto<sup>6</sup>: “nosso movimento não pretende senão inspirar uma nova organização do Brasil” (FREYRE, 1996, p. 48). Amigos desde 1924, com uma infinidade de correspondências trocadas, falavam de política, de literatura e de afeto, e constituíram, nesses anos, suas perspectivas sobre as artes brasileiras, e cada um seguiu seu rumo: Gilberto Freyre na sociologia, no Recife, e José Lins engatando na literatura a partir de 1932, no Rio de Janeiro. Nesse ano, José Lins lançou *Menino de Engenho* e despertou os primeiros olhares de que sua obra se tratava de uma representação memorial da infância, da saudade e que, conseqüentemente, o reduzia, por essa perspectiva, a um literato de menor poder criativo.

Com esse ponto de ligação entre o sociólogo e o literato, busco demonstrar a raiz da generalização sobre os escritores da ficção ligados ao regionalismo do Nordeste. A vontade de falar da terra, característica dos literatos envolvidos nesse projeto, criou um rótulo que circulou nos espaços da crítica; no caso de alguns, José Lins do Rego é um deles, causando insatisfação e tentativas de fuga. É desse ponto que resgato a criação de Vitorino Carneiro da Cunha como uma forma de escapar de marcas como a de memorialista, de autor da cana e defensor da estrutura oligárquica. Ademais, antes de

---

<sup>6</sup> Sobre o Manifesto Regionalista há uma polêmica sobre o ano exato em que foi escrito. Fato é que sua publicação foi de 1952. Entretanto, o que interessa a essa parte do estudo é a perspectiva de Gilberto Freyre sobre o movimento regionalista, do qual o próprio foi um dos líderes.

concretizar seu intento, em 1943, o autor paraibano já havia buscado outros pontos de fuga, quando escreveu, por exemplo, livros como *Histórias da Velha Totônia* (1937), *Pureza* (1937), e *Riacho Doce* (1939), três livros que escapam, cada um a seu modo, e com seus limites, do mundo canavieiro.

### Vitorino Carneiro da Cunha ironizando a tradição

*Em tempo de Guerra comando tropa.*  
(REGO, 1997, p. 204).

*Uma coronhada de rifle botou-o no chão,  
como um fardo.*  
(REGO, 1997, p. 217).

Vitorino Carneiro da Cunha é um dos três protagonistas de *Fogo Morto*, obra que foi recebida com louvor pela crítica literária brasileira da década de 1940. Vitorino tem patente militar, comprada da antiga guarda nacional, é parente do coronel José Paulino, um dos grandes latifundiários da Várzea do Rio Paraíba. É também primo do desembargador de Pilar, Lourenço. O traço cômico de Vitorino é a sua certeza de ser um homem de opinião, de contatos, de patente, mas ao mesmo tempo é ridicularizado em toda a Várzea, pelos moleques, pelo bêbado José Passarinho, pelos seus pares conterrâneos, que o vê como louco, assim como no trecho a seguir:

- Bom dia, seu Vitorino.
- Dobre a língua, não sou de sua laia. Capitão Vitorino. Paguei patente foi para isto.
- Me desculpe, seu Vitorino.
- Vá se danando. Vá atrás dos seus machos. [...]
- Velho mucufa. Quem é que não te conhece, cachorro velho.
- Papa-Rabo - gritaram mais adiante.
- É a mãe. (REGO, 1997, p. 18).

Vitorino é uma representação arquetípica do D. Quixote da Mancha, de Cervantes. E enquanto tal, em nenhum momento se dá conta de sua real condição. Como afirmou Esequiel Gomes da Silva, no artigo “O Cocho da Municipalidade: Uma Análise do Romance Fogo Morto”, de José Lins Do Rego, o capitão Vitorino:

Inventa histórias e exagera nos fatos que conta. Arranja confusões as mais diversas. Não hesita em ir ao Pilar fazer barulho na porta da casa de Quinca Napoleão, chefe do executivo municipal. Mas apesar de todas essas “qualidades”, é determinado e teimoso. Leva a sério sua incumbência. Para ele, era aquele o momento de mudar a situação política da região. (SILVA, 2010. p. 30).

Em *Fogo Morto* a construção de Vitorino Carneiro da Cunha passa pela tensão exposta nas citações de início deste tópico. Ele não se dobra a nenhuma das forças que controlam a política de Pilar, e dos arredores da cidade. Nem à polícia, nem ao cangaço, nem mesmo aos coronéis. Destes últimos faz questão de manifestar seu descrédito.

O capitão Vitorino Carneiro da Cunha estabelece notória ligação com o herói de Miguel de Cervantes, o D. Quixote. “[...] orgulhosos e ostentadores de poder imaginário, debatem-se insanamente em um meio com o qual não se identificam, são inflexíveis e fechados para tudo o que não esteja de acordo com seus projetos” (SOUZA, 2015, p. 39). Os dois personagens não reconhecem limitações conforme as suas idealizações. Para eles, o ideal de lutar pela transformação do mundo de acordo com seus projetos é superior a qualquer oposição. No caso do herói cervantino, seu propósito é manter ativa a tradição da cavalaria, a qual aprendeu lendo suas novelas. Proteger os mais fracos e destruir as injustiças do mundo são as ambições do primeiro herói do romance moderno.

Em *Fogo Morto* a trajetória do capitão Vitorino se desenvolve na busca incessante de transformar a política tradicional, onde as forças dos latifundiários, segundo o próprio Vitorino, controlam a política local. Acredita na transformação política defendendo a eleição do candidato de oposição ao chefe do executivo local Quinca Napoleão. De acordo com Vitorino, Quinca Napoleão é mantido no poder pela ação do coronel José Paulino, maior dos donos de terra da região, dono do Engenho Santa Rosa. Diz o herói Quixotesco: “Vou dar com o José Paulino no chão. Vem aí o coronel Rego Barros, é militar, é homem de dar razão a quem tem. Vai ser governador. Ladrão com ele é na cadeia”. (REGO, 1997, p. 21).

Vitorino caracteriza aquilo que Georg Lukács, na *Teoria do Romance*, conceituou como herói problemático. Diz Luckács:

[...] Com isso, o heroísmo tornou-se polêmico e problemático; ser herói não é mais a forma natural de existência da esfera essencial; antes, é o elevar-se acima do que é simplesmente humano, seja da massa que o circunda ou dos próprios instintos. (LUKÁCS, 2000, p. 41).

O personagem de José Lins do Rego é um homem em conflito, seguindo a definição de Luckács. Seus conflitos, de tal forma, estão situados no mundo em que estava inserido. É um típico do gênero de romance moderno, onde os conflitos não são mais provenientes de forças como destino, assim como os clássicos das epopeias gregas, mas se situam no próprio cosmos em que habitam os humanos.

Na citação em epígrafe, em que Vitorino afirma comandar tropa, o faz em oposição à patente do filho Luís, Suboficial da Marinha. Todo o poder estrutural o

incomoda, e mais, afronta Vitorino, levando-o a questionar, com o poder imagético que é a sua maior arma, as ordens de seu mundo. Esse poder, que ele crê possuir, mas que nunca aparece, é um traço da obra que chega ao humor. Utilizado como forma de desmontar a regra, de descaracterizar o quadro social pelo viés da desobediência. Nós temos a certeza de que a única força do Capitão é não calar, em todas as outras forças foi fracassado. Nesse sentido, sua imagem é uma representação icônica do desmonte de uma estrutura social que vem se modificando naquele contexto da história brasileira. “- Estou chegando, compadre, do Itambé. O doutor Eduardo tinha um réu para defender e me mandou chamar no Gameleira para ajudá-lo. [...] Quando cheguei no Itambé o júri já tinha se acabado”. (REGO, 1997, p. 92-93).

Ao transcorrer de toda a narrativa de *Fogo Morto* é nesse jogo entre se sentir poderoso e ser objeto de riso para todos que Vitorino se insere. Ele não tem consciência de seu estado de loucura, dos exageros megalomaniacos de poder que não possui. Vitorino é uma figura caricata que provocou o riso sobre a estrutura oligárquica acreditando estar lutando pela renovação política. Um sintoma que transborda da vida para a obra literária, muito dessa renovação era o próprio ambiente político de reorganização da burguesia, no centro do país, durante a década de 1940, momento em que o livro foi escrito e não o contexto do enredo de sua trama.

Na década de 1940 a reorganização do capital, iniciada pelas agitações de 1930, reestruturou a cultura política. O avanço industrial, impulsionado pela política de Getúlio Vargas, foi importante para a remodelagem das antigas oligarquias. Busco me apoiar na perspectiva historiográfica de que essas forças não foram derrotadas em 1930, mas buscaram novos espaços. Tal cenário dá sentido mais concreto ao anseio de Vitorino: romper a força estruturante da história brasileira por via de uma nova força, que vê em políticos de sua confiança uma saída para decompor o mandonismo do seu mundo. Segundo Eunice Prudenciano de Souza:

Para esses heróis, a loucura é a forma encontrada para sobreviverem na sociedade degradada que os cerca e, de alguma forma, cada um, ao seu modo, afronta à ordem estabelecida. As ações desenvolvidas por eles são dissonantes com a realidade e, por meio de gestos e entoações exageradas, hiperbólicas, culminam em situações tragicômicas, provocando o riso. (SOUZA, 2015, p. 34).

A opinião sobre o cangaço aponta também para a força do humor burlesco de Vitorino Carneiro da Cunha no romance. Segundo o capitão, os cangaceiros e os coronéis são uma via de mão única que confluem e se ajudam para manter-se no poder. “Este merda do Antônio Silvino pensava que me fazia correr. De tudo isto o culpado é você mesmo. Deram gás a este bandido” (REGO, 1997, p. 219). Diz isso a José Paulino, um

dos grandes coronéis da Várzea do Rio Paraíba, após ser livrado pelo próprio coronel das mãos dos cangaceiros, de quem levava uma surra. Sobre o cangaço, a ideia de Vitorino é interessante: chega a articular a atividade do cangaceiro a uma ordem alimentada pelos próprios latifundiários, que fazem um jogo de troca de poder entre dinheiro e força para manter o controle da terra. E em meio a toda essa tensão, sobrevive a forma burlesca encontrada pelo autor que tem como lugar social toda a estrutura em que se desenvolveu a trama de *Fogo Morto*.

### Considerações

No presente texto, o humor foi apresentado em duas dimensões: a representação do humor no personagem ficcional e o riso irônico de José Lins do Rego. Defende-se que o riso de Vitorino não necessita de aproximação com o riso do seu criador; afinal, em nenhuma hipótese buscou-se defender tal argumento. Nesse sentido, é adequado atribuir o relativo caráter de imanência da escrita ficcional em relação ao mundo concreto. Mesmo não dependendo do mundo real para ganhar sentido, a escrita ficcional do autor paraibano denuncia uma aproximação entre a arte e a vida. Negar o humor de Vitorino como um sintoma do que o escritor José Lins do Rego ilustrou ironizando a tradição oligárquica é, no mínimo, reduzir sua mensagem.

Por outro lado, buscou-se, como problematização para a pesquisa, conectar o discurso de José Lins na inauguração do seu busto à sua consciente postura em relação ao mundo em que viveu e representou. Por isso, o discurso na Praça de Pilar, exposto na reportagem, foi inserido como ápice do projeto de criação de Vitorino, do projeto de rir da tradição. Há várias ironias na fala do autor; talvez, a mais significativa seja recorrer à sua própria criação para opor-se ao seu argumento. Ressuscitar Vitorino é um ato audacioso para responder, de forma irônica, aos que lhe ofereceram o busto.

Por essas razões, defende-se no texto a ironia como um recurso utilizado para desmontar a estrutura em que o autor viveu e pela qual foi enquadrado por parte da crítica literária do período. Um ato típico da potencialidade do riso quando utilizado para desmontar estruturas rígidas. “O riso é proveniente de algo percebido como um desvio das normas sociais, como algo diferente do esperado para acontecer” (SOUZA, 2015, p. 35). De tal forma, a tradição foi escrita e vivida por Zé Lins em tensão, como uma corda que estava fina, mas que provavelmente não chegou a romper.

### Referências

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

BRAGA-PINTO, César. De Pureza (1937) a Pureza (1940) – José Lins do Rego e o cinema de Chianca de Garcia. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 70, p. 249-269, ago. 2018.

CANDIDO, Antonio. Brigada Ligeira. *Brigada Ligeira e Outros Escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 1992. (p. 11–117).

CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo. (Org.) Introdução. *História da leitura no mundo ocidental 1*. São Paulo: Ática, 1998. p. 5 – 40.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. O Espelho das Águas. Diário de Notícias, Rio de Janeiro. In.: COUTINHO, Eduardo F. (Org.) *José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. (Coleção Fortuna Crítica, 7). p. 127-132.

FREYRE, Fernando de Mello. O Movimento Regionalista e Tradicionalista e a Seu Modo Também Modernista - Algumas Considerações. *CI & Tróp.*, Recife, 5(2), p.175-188, jul./dez. 1977. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/184/95> Acesso em: 01 ago. 2020

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica I*; tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. Ed. 34. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

REGO, Pedro Gabriel Vanderlei Heráclio do. *Inconsciente político e coronelismo: ciclo da cana-de-açúcar*, de José Lins do Rego. Recife: Editora, 2016.

SALIBA, Elias Thomé. História Cultural Do Humor: Balanço Provisório E Perspectivas De Pesquisas. *Revista de História*. São Paulo, n.176, a01017, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rh/n176/2316-9141-rh-a01017.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

SANTOS, Robson dos. Cultura e tradição em Gilberto Freyre: esboço de interpretação do Manifesto regionalista. *Soc. e Cult.*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 399-408, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/703/70322141013>. Acesso em: 10 ago. 2020

SILVA, Ezequiel Gomes da. *O Cocho da Municipalidade: Uma Análise do Romance Fogo Morto*, de José Lins Do Rego. Olho d'água, São José do Rio Preto, 2(1), p. 1-157, 2010. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/42/55> Acesso em: 19 ago. 2020.

SOUZA, Eunice Prudenciano. D. Quixote e Capitão Vitorino: personagens tragicômicas. *Humanidades e Inovação*, Palmas, v. 2, n. 2, jan./jul. 2015. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/24> Acesso em: 31 jul. 2020.

## Fontes

ARQUIVO HISTÓRICO WALDEMAR BISPO DUARTE. *As Homenagens da Paraíba a José Lins do Rego*. Reportagem do Jornal *A União*. 19 fev. 1952.

FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista*. 7ª. ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996. (p.47-75).

REGO, José Lins do. *Pureza*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

REGO, José Lins do. *Dias Idos e Vividos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

REGO, José Lins do. *Menino de Engenho*. 60º ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1994.

REGO, José Lins do. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

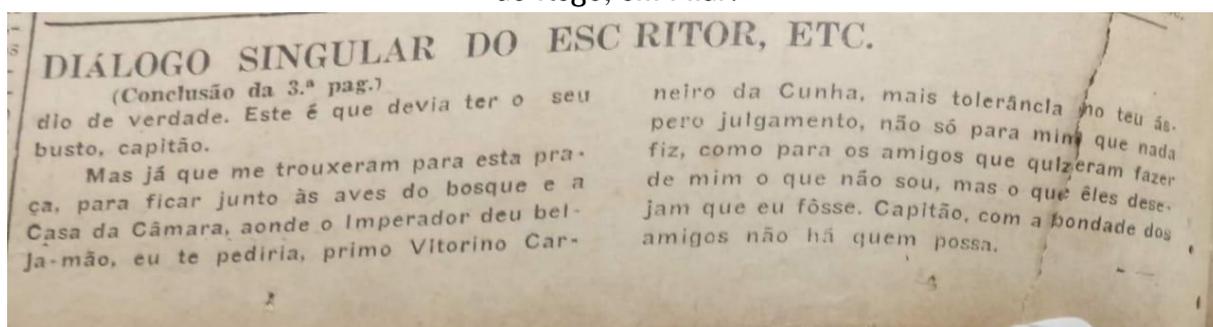
## Apêndices

Imagem 1: Página da reportagem do jornal a união narrando a comemoração do busto de José Lins do Rego, em Pilar.



Fonte: registro do autor cedido pelo Arquivo Histórico Waldemar Bispo Duarte (2019).

**Imagem 2:** Continuação da reportagem narrando a comemoração do busto de José Lins do Rego, em Pilar.



**Fonte:** registro do autor cedido pelo *Arquivo Histórico Waldemar Bispo Duarte* (2019).